

**A INIBIÇÃO E O SENTIMENTO DA MESMIDADE NO CONTO “O SONHO DE UM
HOMEM RIDÍCULO”:
UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

*Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues*¹

*Larissa Ornellas*²

*Tiago Santos Sampaio*³

RESUMO

A obra de Dostoiévski tem sido retomada pelos estudos psicanalíticos, aliás, desde Freud, como um conjunto de textos que servem de exemplo para ilustrar condições vivenciadas pela psique humana, dentre as quais o estado melancólico. O conto O sonho de um homem ridículo fornece algumas possibilidades para pensar a temática, aqui discutida pelas noções de inibição e do sentimento de mesmidade. A partir da escolha de enunciados do conto e de correlações teórico-conceituais da Psicanálise, evidenciam-se entrelaçamentos da inibição e da mesmidade com aspectos que constroem o sentido da melancolia como a percepção do vazio, do nada e da falta de sentido no mundo como traços de um empobrecimento narcísico, de uma postura fatalista, masoquista e de uma inação justificada por um investimento libidinal esmaecido. Apesar disso, o conto alude ao potencial das relações humanas como propiciadoras de novos afetos que podem promover mudanças operadas pelas possibilidades de enlaces com o Outro.

PALAVRAS-CHAVE: *psicanálise, inibição, mesmidade, melancolia, Dostoiévski.*

¹ Psicólogo. Graduação em Psicologia e Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Tem especialização em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente, cursa mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PGEDU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), é professor substituto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Departamento de Ciências Humanas (DCH) do Campus VI, e é membro do Grupo de Pesquisa e Estudos em Leitura e Contação de Histórias (GPELCH) - UNEB. Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0001-7230-1812>. E-mail: rodrigues.a.c90@gmail.com.

² Psicóloga. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Especialização, Mestrado e Doutorado em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Université Paris VII - Denis Diderot e Pós-Doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Atualmente, é professora adjunta do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), integrante da Association PREAUT (Programa de Pesquisa e Estudos sobre o Autismo) e do Grupo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Representações Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPG-Educ). Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0002-8994-0829>. E-mail: larissa.ornellas1@terra.com.br.

³ Bacharel em Comunicação Social (Rádio e TV) pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão na Educação Superior pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestre em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Doutor em Difusão do Conhecimento pelo Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento da UNEB. Atualmente, é professor do curso de Comunicação Social da UNEB (Campus XIV), desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0002-7777-5897>. E-mail: tssampaio@uneb.br.

**INHIBITION AND THE SENSE OF SAMENESS IN THE SHORT STORY 'THE
DREAM OF A RIDICULOUS MAN':
A PSYCHOANALYTIC READING**

ABSTRACT

*Dostoevsky's work has been revisited by psychoanalytic studies, indeed since Freud, as a set of texts that serve as examples to illustrate conditions experienced by the human psyche, among which is the melancholic state. The short story *The Dream of a Ridiculous Man* provides some possibilities for thinking about the theme, discussed here through the notions of inhibition and the feeling of sameness. Based on the choice of statements in the short story and theoretical-conceptual correlations with Psychoanalysis, we can see the intertwining of inhibition and sameness with aspects that construct the meaning of melancholy, such as the perception of emptiness, nothingness and the lack of meaning in the world as traits of narcissistic impoverishment, of a fatalistic, masochistic stance and of inaction justified by a faded libidinal investment. Despite this, the short story alludes to the potential of human relationships as promoters of new affections that can promote changes brought about by the possibilities of connections with the Other.*

KEYWORDS: *psychoanalysis, Inhibition, Sameness, Melancholy, Dostoevsky.*

INTRODUÇÃO

A profundidade na construção subjetiva dos personagens criados pela obra de Fiódor Dostoiévski favorece possíveis associações e leituras psicanalíticas que corroboram a obra do autor russo como um recurso para a discussão de diversos aspectos complexos que atravessam as relações humanas por meio de representações literárias. Nessa direção, este artigo objetiva analisar a inibição e o sentimento de mesmidade vivenciados pelo protagonista do conto *O sonho de um homem ridículo*, texto de autoria de Dostoiévski (2021). A história, narrada pelo personagem principal, relata a impressão pessimista que o narrador tem sobre si mesmo, sua história de vida e o mundo. Tanto é que, em vez de fazer uso de um nome próprio, faz do adjetivo *ridículo* a insígnia que o representa. Ademais, mais que uma exposição de si, descreve um sonho que, além de ratificar uma visão negativa sobre a existência do humano, ocasiona uma mudança de posição subjetiva do protagonista diante da vida, que oscila entre o negativismo de si e um estado de elação.

Esse modo derrotista de contar a própria história e de se apresentar aos leitores, que tanto alude aos quadros de melancolia (Freud, 2017), nos levou a realizar uma análise do discurso desse homem que se intitula ridículo, buscando identificar, a partir da teoria psicanalítica, o que, em seu modo de falar sobre si e de contar a sua história, produz a percepção leitora de que estamos diante de um sujeito marcado pela melancolia, indo além de uma percepção geral de depreciação. A descrição de sua estagnação e da ideia de que o mundo é pobre e vazio de sentido, por exemplo, apontou tanto para a inibição típica da melancolia (Freud, 2017; Lambotte, 1997) quanto para o empobrecimento libidinal que produz a identificação da pessoa com o nada (Lambotte, 1997).

Tal gesto analítico de selecionar o que da teoria psicanalítica atesta que o discurso de um protagonista tem natureza melancólica, parte da compreensão de Passos (2009) de que a literatura é um campo que manifesta e veicula outros saberes, de modo que, por meio de nossa leitura interpretativa, buscamos destacar como as ideias psicanalíticas sobre a melancolia ganham materialidade no conto.

Tendo isso em vista, a tomada da narrativa em questão como objeto de investigação, decorre de dois aspectos, quais sejam, a proficuidade do diálogo entre psicanálise e literatura, demonstrada não só por Passos (2009), como pelo próprio

Sigmund Freud (2010; 2015; 2019; 2020a; 2020b) ao fazer uso de enredos e personagens para cunhar parte de sua teoria; e a existência de poucos trabalhos que realizaram uma leitura psicanalítica da melancolia na obra de Dostoiévski, lacuna apontada por uma revisão de literatura feita na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) a partir dos descritores “Melancolia”, “Literatura” e “Psicanálise” unidos pelo operador lógico booleano “AND”.

Dessa forma, no caso específico do conto escolhido, como sinalizamos, a sua narrativa aponta para aspectos característicos da melancolia ao longo de toda obra, dentre eles a inibição e aquilo que denominamos de sentimento de mesmidade, lidos a partir de autores da teoria psicanalítica que discutem os quadros melancólicos e suas características. Destarte, sem ignorar que a melancolia apresenta outras características, este trabalho a abordará, a partir das duas características evidenciadas no conto e que aqui destacamos: o estado inibitório do sujeito e o empobrecimento libidinal que o faz vivenciar uma resignação e estagnação diante da vida (mesmidade). Do ponto de vista analítico, selecionamos alguns enunciados do conto para expressar esses elementos, reportando-nos a estes pela codificação *En*, onde *E* indica *Enunciado* e *n* a ordem numérica de aparecimento de tal enunciado na seleção que realizamos em nosso texto.

Analisaremos, pois, a inibição do homem ridículo considerando-a a partir de sua relação com o sentimento de mesmidade apresentado pelo protagonista desde o início do conto até o momento em que vivencia uma experiência onírica. Para tanto, fundamentamo-nos não apenas na noção de *inibição* elaborada por Freud (2014), mas também na ideia de Lacan (2008) sobre *ceder de seu desejo* com o intuito de pensar o aspecto de paralisação que parece estar subjacente em alguns fragmentos do discurso proferido pelo homem ridículo.

ESTAGNAÇÃO E ESVAZIAMENTO NO DISCURSO DO HOMEM RIDÍCULO: NOTAS SOBRE A INIBIÇÃO E O SENTIMENTO DE MESMIDADE

Partimos do pressuposto de que o discurso melancólico apresenta o sujeito como aquele que vive em um estado de inércia e apatia que, segundo Freud (2017), é resultante do abatimento provocado pela perda de um objeto de amor, com o qual ele se identificará. De acordo com o autor, é nessa relação de identificação estabelecida com o objeto, que o melancólico passa a atribuir a si uma série de recriminações e acusações, descrevendo-

se, por conta disso, como ser abjeto e pecador, outras características típicas dos quadros de melancolia. Essas autorrecreações e autoacusações, de acordo com Freud (2017), demonstram o empobrecimento do Eu e a retração pela qual o sujeito se coloca.

Para Lambotte (1997), a ausência de investimento libidinal na criança por parte do Outro primordial a conduz a assumir uma posição depreciativa que tem relação com a identificação do Eu ao olhar vazio desse Outro. Trata-se, segundo a autora, de uma identificação com o nada, cujo resultado é o empobrecimento narcísico dado pelo rebaixamento da instância egoica. Em função disso, o Eu do sujeito não busca a obtenção de prazer nas relações com os objetos substitutivos, uma vez que se encontra impossibilitado de elaborar a perda de não ter tido um lugar no olhar do Outro. Com isso, ensimesma-se e passa a viver uma inibição generalizada que encontra justificativa na certeza de um fracasso relacional antecipado (Lambotte, 1997).

Mas em que consiste esta inibição generalizada de que fala a autora? Isso requer retomar as ideias de Freud (2014) sobre o tema. Para ele, a inibição alcança o *status* de conceito ao ser comparada com a noção de sintoma. Ao fazê-lo, o psicanalista austríaco associa tal constructo com a concepção de *função*, mais especificamente as que entrelaçam o corpo e o psiquismo, sugerindo que quadros inibitórios implicam, a priori, a restrição de alguma funcionalidade do Eu, que pode ou não se configurar enquanto sintoma. Dessa maneira, a inibição pode designar “[...] à limitação normal de uma função. [mas] Por outro lado, o próprio sintoma pode ter valor de inibição [...]” (Chemama, 1995, p. 109).

De modo geral, trata-se, para Freud (2014), de uma diminuição da ação do sujeito em esferas de seu cotidiano, a exemplo da sexualidade, do trabalho, da alimentação e da locomoção, que pode chegar a um nível extremo de paralisação. Tal fato explicita o estado de inércia no qual se encontra o melancólico. Examinemos como tal condição parece estar presente no discurso do homem ridículo a partir dos seguintes enunciados:

E1: [...] Fazia muito tempo que eu pressentia aquilo, mas a convicção plena surgira no último ano, como que de repente. Eu senti de repente que, para mim, dava na mesma se o mundo existisse ou se não houvesse nada em lugar nenhum. Comecei a perceber e a sentir, com todo o meu ser, que não havia nada ao meu redor. No início, ainda me parecia que, antes, em compensação, houvera alguma coisa, mas depois me dei conta de que antes também não houvera nada, eu só tivera essa impressão, por algum motivo. Pouco a pouco, eu me convenci também de que nunca haveria nada. Então, de repente, eu parei de me irritar com as pessoas e comecei a quase não notá-las [...] (Dostoiévski, 2021, p. 25-26).

E2: [...] à época, eu tinha parado totalmente de pensar: para mim, dava na mesma. E seria bom se estivesse resolvendo problemas; ah, eu não resolvi nenhum, e quantos eles eram! Mas, agora, para mim dava na mesma, e todos os problemas tinham se afastado (Dostoiévski, 2021, p. 27).

Podemos observar em E1 como o homem ridículo anuncia a construção do sentimento de mesmidade, isto é, de que tudo no mundo se encontra da mesma maneira ou de que tudo tanto faz, de modo que a própria existência desse mundo lhe é sentida como indiferente. Neste momento, não poderíamos considerar que o personagem declara a retirada de todo e qualquer investimento no mundo e em tudo que nele há? Afinal, no que investir se nada há à sua volta? Ou se o seu entorno não lhe apraz? Esse desligamento libidinal é, conforme Freud (2017), comum tanto no luto quanto na melancolia, o que nos suscita melhor justificar o porquê de o lermos como pré-condição da inibição que se apresenta no discurso do homem ridículo, tomado por nós como um discurso melancolizado.

Ora, essa consideração reside, precisamente, no fato de a percepção do personagem não ser momentânea, ou seja, ela não diz respeito apenas ao seu tempo presente, considerando que sua convicção atual é de que não houve, não há e nunca haverá algo a se ocupar no mundo. Assim, o mundo sempre se apresentou como vazio e desprovido de interesse.

Não obstante, em nenhum momento é admitida a causa do desencadeamento precoce dessa mesmidade, dessa sensação de anulação do mundo. Pelo contrário, ocorre apenas uma menção vaga a um possível fator precursor através da reiterada expressão *por algum motivo*. Não podemos nos furtar – estendendo a interpretação ao que nos apresenta a narrativa, ou reconhecendo o que se inscreve subentendido a ela – de inferir que o desconhecimento de causa do homem ridículo aponta para o próprio desconhecimento do que se perde na melancolia, uma vez que, segundo Freud (2017), o melancólico sabe que algo foi perdido, mas não o que ele perdeu, pois se trata de uma perda inconsciente, a de ter, como salientou Lambotte (2003) e Kehl (2015), ocupado um lugar no desejo do Outro.

Em E2, por sua vez, a paralisação parece se insinuar na recusa da resolução dos muitos problemas que lhe eram apresentados. Da mesma forma, podemos ler a própria negação do pensamento, captando, nas entrelinhas, a percepção de uma fadiga, de um cansaço e de uma ausência que remete a uma diminuição da função do Eu, traço pelo qual

Freud (2014) caracterizou o processo de inibição. Sendo assim, a inibição diz respeito a um mecanismo que “exprime uma *limitação funcional do Eu*, limitação que pode ter causas diversas” (Freud, 2014, p. 17).

Essa noção de inibição tem associação com a experiência da angústia, uma vez que as funções renunciadas pelo Eu são, conforme Freud (2014), aquelas cujo exercício promove a emergência de tal afeto. Assim, para não vivenciar o mal-estar da angústia, suspende-se toda e qualquer ação concernente a uma determinada função. Contudo, na melancolia, observamos, especificamente, uma privação da função devido a um sentimento de culpa que se apresenta ao sujeito, tal como foi assinalado por Abraham (1970) e Freud (2017). Assim, evita-se a interação pela condição abjeta do Eu. Observemos em outros enunciados (E3 e E4) a experiência de limitação vivida pelo homem ridículo.

E3: Naquele dia, eu quase não tinha almoçado e, desde o fim da tarde, estivera na casa de um engenheiro, onde também estavam outros dois amigos. Passei o tempo todo calado, e, pelo visto, eles ficaram aborrecidos comigo. Falavam sobre alguma coisa controversa e de repente até se exaltaram. Mas, para eles, dava na mesma, eu via isso, e eles se exaltavam por se exaltar. De repente, eu lhes disse justamente isso: “Senhores, mas dá na mesma para os senhores”. Eles não se ofenderam, mas todos riram de mim. (Dostoiévski, 2021, p. 29-30).

E4: [...] o que é estranho (e é por isso que eu estou contando), durante todo o mês, desde que comecei a morar conosco, o capitão nunca provocou em mim nenhuma irritação. É claro que evitei travar relações com ele desde o início, e ele mesmo ficou enfasiado comigo logo na primeira vez, porém, por mais que ele gritasse atrás da divisória, e por mais gente que houvesse ali, para mim sempre dava na mesma (Dostoiévski, 2021, p. 38-39).

A renúncia à fala e a evitação da relação com os vizinhos demonstram as limitações funcionais que o personagem se impõe e que faz questão de relatar. Quando interage, limita-se a destacar a mesmidade da vida cotidiana, muito ligada a um estado de resignação, ao passo que deixa transparecer que o discurso lógico encontrado para sustentar o seu não agir, o não se relacionar e o não falar é a reiteração da ausência de sentido que perpassa tudo que existe, isto é, ao fato de que *tudo sempre dá na mesma*.

Desse modo, acreditamos que a relação entre a inibição melancólica e aquilo que chamamos de mesmidade se faz ver no conto, restando, no entanto, a fins de análise, depreender o que está por detrás dessa relação, tendo ciência, por sua vez, de que a mesmidade alude, em nossa interpretação, ao vazio de sentido típico do melancólico, segundo Lambotte (2003). É nesse ponto que nos parece pertinente recorrer à noção de *ceder de seu desejo* trabalhada por Lacan (2008) no *Seminário da ética*, a fim de melhor

compreendermos o retraimento do homem ridículo e sua articulação com a condição de mesmidade em que vive.

Lacan (2008) problematiza o ato de ceder do próprio desejo ao tratar dos paradoxos da ética, considerando certas concessões de ação ‘diplomática’, ou seja, renúncias em nome de um *Ideal de Bem*, uma traição em relação a si mesmo enquanto sujeito do desejo, tendo em vista que o “desejo, nós o definimos alhures como a metonímia do ser” (Lacan, 2008, p. 376), daí o autor afirmar que ceder de seu desejo é a única coisa pela qual o sujeito deve ser culpabilizado, sendo, portanto, o *único Bem* aquele que se presta a pagar o preço pelo acesso ao desejo.

Desse ponto de vista, apesar das recusas e das lutas contra o próprio desejo, esse não é de todo cedido, pois é a própria condição “ontológica” da existência do sujeito. Todavia, não é a concessão do próprio desejo que está em jogo na condição depressiva e melancólica? No conto, ao promover uma recusa e uma anulação do mundo, o homem ridículo parece ceder de seu desejo, isto é, da sua própria posição desejante em prol de uma verdade, de um Ideal de Bem que mal se esclarece.

Dessa forma, é o desejo que parece estar em xeque no homem ridículo, já que não há mais mobilização frente à vida, sob a égide da percepção e da sensação de que *tudo sempre dá na mesma*. Destarte, estando imerso na mesmidade, não há falta e, com isso, não há ser desejante, afinal, do ponto de vista metapsicológico, o objeto causa de desejo não se inscreveu como faltante na melancolia, isto porque, de acordo com Freud (2011), o objeto de amor se encontra instaurado no Eu por meio da identificação narcísica e, sendo assim, está sujeito às recriminações e agressões de um ideal inacessível ao Eu. Logo, amalgamado com o objeto, o melancólico abdica da condição desejante e abraça o estado de inibição e sofrimento. Isso explicita que

O desejo opera aí como um divisor de águas, impedindo o sujeito de cair na pura “dor de existir”. [...] a melancolia apresenta um sujeito que, por não se posicionar em relação ao desejo [...] se encontra na mais pura “dor de existir” (Ferreira, 2014, p. 26).

É a partir desse descompromisso com o desejo que Kehl (2015) retoma Lacan (2008) e problematiza o processo de demissão subjetiva realizada pelo depressivo que, acreditamos, estende-se também ao melancólico, embora cientes de que se trata de condições distintas (Kehl, 2015). Demite-se subjetivamente quando o jogo é abandonado sem que ele sequer se inicie, em função do temor em relação ao resultado, ou seja, prefere-

se admitir a derrota, antecipá-la, movido por uma covardia moral que o impede de enfrentar os limites impostos pela castração, tomada aqui como a condição que fere a ideia narcísica de unidade e totalidade. Nesse sentido, a inibição freudiana se articula ao processo de demissão subjetiva.

O que está por trás, segundo Kehl (2015), desse ceder depressivo, que conduz à demissão subjetiva, é a ausência de um compromisso para com o próprio desejo. Esse encargo é abandonado pelo melancólico porque o ato de realizar as buscas que dão acesso ao próprio desejo implica “ultrapassar não apenas todo temor, mas toda piedade, que a voz do herói não treme diante de nada, e muito especialmente diante do bem do outro” (Lacan, 2008, p. 377).

Logo, não se pode entrar no jogo do desejo esperando abolir todo e qualquer mal-estar, aspecto que parece não ser suportado pelo melancólico. Sua inibição estaria, portanto, pronta a limitar o sujeito a fim de evitar a angústia, como bem assinalou Freud (2014) em *Inibição, sintoma e angústia*. Isto porque, de algum modo, esse afeto é um sinal para que o sujeito se volte ao próprio desejo. Assim, dele se cede, destituindo-se da própria subjetividade, ainda que o preço seja viver uma vida em que *tudo dá na mesma*, a exemplo da experiência do homem ridículo. Aqui poderíamos nos questionar: qual a razão de o sujeito, na melancolia, ceder de seu desejo se ele imputa a si mesmo uma série de recriminações e acusações, verbalizando-as diante de testemunhas?

Ora, ele assim o faz, pois, desse modo, não precisa se deparar com a perda fundamental, já que, conforme Lacan (2008), o desejo nunca pode ser satisfeito, por isso sua natureza metonímica. Nesse sentido, o que o melancólico não suporta, segundo Lambotte (1997), é (re)atualizar a falta do Olhar do Outro, por isso que, para ele, abdicar do próprio desejo é mais cômodo do que pagar o preço pelo acesso ao desejo (Lacan, 2008), o que implica assumir a condição faltante. Lembremos, mais uma vez, que o melancólico se identifica com o objeto perdido para não ter que elaborar tal condição e, por conseguinte, a sua própria posição desejante (Freud, 2017). Com isso, sofre, mas não pelo preço da falta.

Além disso, é preciso ter em vista que “a queixa melancólica encobre uma agressão feroz ao Outro” (Kehl, 2020, p. 34), de modo que, ao se martirizar, ataca, na verdade, o objeto, ainda que, para isso, opte por ceder de seu desejo; concessão que se dá para a manutenção do gozo obtido da própria queixa. Logo, o melancólico, colado ao

objeto perdido, encontra-se impedido de investir no mundo, enxergando-o como sem forma e vazio, restando-lhe apenas gozar das autorrecreações e recusar toda e qualquer relação que implique religar um desejo que já fora cedido. Acreditamos que, nesse ponto, o homem ridículo inscreve-se na posição melancólica dada pelo estado de resignação e de ressentimento que, em conformidade com Kehl (2020), parece alimentar o processo de inibição vivido por ele, isto é, endossa a postura passiva com que o sujeito se coloca no mundo, impedindo quaisquer mudanças na condição de mesmidade na qual se encontra.

É por isso que Ferreira (2014) afirma que o melancólico não se revolta com a sua condição, nem realiza qualquer protesto para sair dela, abraçando-a sem reclamar algum tipo de mudança; pelo contrário, de acordo com a autora, há nele a assunção de uma culpa seguida de autorrecreações e autoacusações, de modo que a própria estagnação pode ser lida como sanção por algum agravo que acredita ter cometido. Em conformidade com isso, Ferreira (2014) salienta que “o conjunto formado pela dor moral e a acentuada inibição intelectual constitui, na melancolia, um fenômeno essencial” (Ferreira, 2014, p. 141).

Assim, se o depressivo, conforme Kehl (2015), realiza uma demissão subjetiva por antecipar o próprio fracasso, poderíamos supor que o melancólico anula sua subjetividade por ter ocupado o lugar de um pecador indigno que, por conta disso, não se autoriza a desejar, mas apenas busca obter uma satisfação masoquista, como salienta Kehl (2015), a partir da autoflagelação a que se submete. Essa pode se dar, conforme Freud (2014), pelo próprio mecanismo de inibição, uma vez que algumas inibições “[...] se acham a serviço da autopunição” (Freud, 2014, p. 18). Isso significa, para o autor, que o Eu atribui a si limitações a fim de não obter vantagens ou realizações, evitando, com isso, conflitos de natureza moral, aspecto experienciado pelo melancólico. Nesse caso, inibir-se não é apenas aceitar a circunstância na qual se encontra, resignando-se a ela, mas também imputar a si mesmo uma penalização por sua condição ignóbil. Observemos como isso se manifesta no conto a partir de E5.

E5: Afinal, todas as noites eu fico sem dormir até o amanhecer, e é assim já faz um ano. Fico a noite inteira sentado à mesa, na poltrona, e não faço nada. Livros, eu só leio durante o dia. Fico sentado e nem penso, fico assim, com uns pensamentos vagando, e dou liberdade a eles. A vela queima inteira durante a noite (Dostoiévski, 2021, p. 39-40).

É possível notar no enunciado acima que há uma escolha por parte do homem ridículo de se abster de toda e qualquer ação, adotando, com isso, uma postura de paralisação no mundo, de modo que, se há algum tipo de busca, é a do próprio *nada*, ausência que não só é evocada em E5, mas também toda vez que a personagem enuncia que na vida *tudo dá na mesma*, de modo a traduzir a insignificância do mundo e da própria existência, enunciação que abole todo e qualquer sentido que justifique desejar e arcar com as consequências desse desejo; e, na ausência de desejo e na certeza da mesmidade da vida, resta ao homem ridículo o planejamento da própria morte, destino comum aos melancólicos, na tentativa de atingir o objeto com o qual se encontram identificados (Lacan, 2005).

Com efeito, a construção do discurso do homem ridículo em E5 não se presta apenas a anunciar a vivência de uma crise de insônia ou a escolha de um momento para não se fazer nada, mas parece apontar para um real desligamento, ou seja, para um processo de inibição que circunscreve a ação do personagem apenas à esfera dos pensamentos que funcionam de forma vaga e desconexa a ponto das suas ideias serem as únicas dotadas de liberdade, daí correrem soltas. A respeito disso, Lambotte (1997) destaca o turbilhão de pensamentos que acomete o melancólico, somando-se à prostração e à sensação de esgotamento da qual se queixa.

Desse modo, os enunciados analisados até aqui apontam para uma limitação relacional e uma negação do sentido da vida que conduzem o homem ridículo a um estado de retraimento e prostração que, por seu turno, explicitam a atitude negativista do melancólico em relação à existência, daí

[...] a atitude negativista que adota para com todas as proposições de seu meio ambiente o reforça em uma espécie de soberbo isolamento, como se estivesse seguro da impotência dos outros para sustentar os efeitos de uma verdade vislumbrada por ele. [...] Essa verdade, expressa com muita frequência por meio de um discurso pseudofilosófico cujas evidências existenciais garantem o que geralmente ocorre (“De todo modo, não existe verdade, não há sentido definitivo, então por que fazer seja lá o que for?”), representa, contudo, o pivô em torno do qual se ordenam ao mesmo tempo a lógica racional e a lógica prática do sujeito melancólico [...] (Lambotte, 2003, p. 64).

Portanto, a inibição melancólica evidenciada pelo isolamento do homem ridículo compõe, a partir da ideia apresentada pela autora, um modo de funcionamento pelo qual o sujeito lê o mundo de um modo fatalista, apontando para um destino comum marcado pela ausência de sentido e pela ineficiência da ação, afinal, ainda que se venha a fazer

algo, *tudo dará sempre na mesma*, aproximando-se apenas do *encontro com o nada*, isto é, com a *ausência de significação*, daí Lambotte (2003) afirmar que o discurso melancólico é pseudofilosófico. É nessa questão que se inscreve um outro aspecto da melancolia que também está presente no discurso da personagem, a saber, o da posse de uma verdade relacionada ao nada que atravessa a existência.

Retornemos aos Enunciados 3, 4 e 5 e os analisemos a partir da citação de Lambotte (2003), a fim de melhor evidenciar não só a inibição que aparece no discurso do homem ridículo em sua relação com a mesmidade, mas também a enunciação de um saber que só o homem ridículo possui e que, por isso, vai de encontro à filosofia que permeia o discurso melancólico. Veremos, pois, que a inibição, a mesmidade e a detenção de uma verdade estão articuladas e, a partir do que postulou Lacan (2008), também apontam a razão da concessão do desejo operada pelo melancólico.

Tendo isso em vista, observamos que: a) com os amigos, o homem ridículo se recusa a falar; b) na pensão onde mora, nunca quis travar relações com os vizinhos; e c) em casa, adere ao fazer nada durante uma insônia que é aceita de bom grado, sem reclamar. Tais situações não apontam para o *soberbo isolamento* de que fala Lambotte (2003)? Trata-se de um retiro pelo qual o melancólico não só aceita o fato de que *tudo no mundo dá na mesma*, como também se resguarda de ter que conviver com os homens impotentes que ainda não se deram conta de que a vida é esse nada sem sentido, razão que o leva a anunciar ser ele o único portador de uma verdade. Esse anúncio pode ser verificado nos enunciados a seguir:

E6: Eu mesmo riria com eles, não digo que de mim, mas por amor a eles, se eu não ficasse tão triste a olhar para eles. Fico triste porque eles não conhecem a verdade, e eu conheço a verdade. Ah, como é difícil ser o único a conhecer a verdade! Mas eles não entenderão isso. Não, não entenderão (Dostoiévski, 2021, p. 22).

E7: [...] Passarei a meu sonho. Sim, eu tive então esse sonho, meu sonho do dia 3 de novembro! Eles me provocam agora, dizendo que, afinal, foi só um sonho. Mas por acaso não dá na mesma se foi um sonho ou não, se esse sonho me anunciou a Verdade? Afinal, uma vez que você descobriu e viu a verdade, você sabe que ela é a verdade, e não há e nem pode haver nenhuma outra, seja dormindo ou na vida (Dostoiévski, 2021, p. 56).

É possível perceber a partir dos enunciados acima que o homem ridículo tem a plena certeza de ser possuidor de uma verdade, um saber que não pertence a mais nenhuma outra pessoa, só a ele mesmo; saber que, conforme Lambotte (2003), o distingue dos outros sujeitos, os impotentes que não conseguiram apreender essa verdade, que é única, posto que *não é uma verdade, mas a Verdade!* grafada com *V* maiúsculo para

demarcar a natureza singular desse conhecimento que só o protagonista tem e que, por isso, ele se vê impedido de rir com os iguais, uma vez que deve retrair-se do mundo, exatamente por ter se apropriado de uma veracidade que, no entanto, não nos é, de início, revelada, dando mostras do que viria a ser no momento da virada maníaca que acontece após o sonho. Com isso, o homem ridículo sustenta em seu discurso melancólico “[...] o peso de um saber absoluto que afirma a ilusão do reconhecimento e a fragilidade da identidade” (Lambotte, 2003, p. 67).

Trata-se de afirmar a ilusão do reconhecimento por considerar que essa verdade o faz enxergar algo que desmascara a felicidade subjacente no riso dos outros, daqueles que não conhecem *o porquê de as coisas darem sempre na mesma* ou até não vislumbram sequer essa mesmidade que perpassa a existência. Ademais, reconhece e declara a impotência dos pobres humanos que nada sabem sobre a vida, o que justifica, por sua vez, a manutenção do distanciamento do homem ridículo com as demais personagens que raramente aparecem. Em conformidade com isso, Lambotte (2003) sinaliza que

[...] revelar no outro essa mesma falha original constitutiva da organização psíquica no limite do surgimento da angústia torna-se para o sujeito melancólico o único modo possível de contato, prosseguindo assim a identificação com o nada do outro, no movimento de desvanecimento de uma desapareção (Lambotte, 2003, p. 67).

Ora, não é isso que denuncia o discurso do homem ridículo ao se referir aos outros como pobres coitados ignorantes de um saber essencial sobre o mundo? Nesse ponto, o aspecto melancólico exerce o sadismo no próprio masoquismo, como bem assinalou Kehl (2020) e Lambotte (2003), visto que *ele se afasta por apontar o nada do outro*; isto é, ele justifica o afastamento não mais pelo delírio de culpa, por sua abjeção, mas pelo que falta ao outro, ou seja, *por esse outro nada saber sobre o nada que é a vida*. Mas o que quer o homem ridículo ao elucubrar a mesmidade da existência pela inexistência de sentido? Em nossa perspectiva, Lambotte (2003) esclarece este fato ao pontuar que a constatação das evidências pseudofilosóficas do melancólico se prestam a validar a sua inibição generalizada.

É isso que permite ao melancólico construir um raciocínio lógico que atesta a necessidade de se colocar na posição de exceção de que fala a autora. Para ela, essa posição é reivindicada por meio da “posse de um saber absoluto que desmistifica toda ilusão narcísica e desafia a realidade a se prestar a qualquer que seja o investimento possível” (Lambotte, 2003, p. 67). Dessa forma, pode castigar-se com a adoção de uma

inibição resultante do desejo cedido, ao passo que, ao fazê-lo, aponta a impotência e a insuficiência do outro em não reconhecer o vazio da existência. Segundo Kehl (2020), é disso que o melancólico e o ressentido gozam, mais precisamente na ideia de perfeição que se inscreve nesta ausência.

Apesar de a inibição e a mesmidade predominarem na primeira parte do conto, há uma cena na qual o retraimento e as certezas sobre a existência são abalados; diz respeito ao encontro do homem ridículo com uma garota de 8 anos de idade que promove no protagonista uma saída momentânea da ausência de sentido em que se encontrava, levando-o a questionar sobre sua condição no mundo e sobre o que ele de fato queria. Esses questionamentos dão início, a nosso ver, ao deslocamento do teor discursivo na obra, preparando o leitor para a segunda parte, a que apresenta a experiência onírica que irá mudar as perspectivas do homem ridículo e fazê-lo assumir um discurso oposto ao melancólico, mais próximo da mania, daí falarmos em virada maníaca no conto.

Tudo tem início com o constrangimento sentido pelo protagonista após negar ajuda à menina que encontrara na noite em que havia determinado se matar. A partir daí, ele anuncia ter voltado a *sentir*, experimentando piedade pela garota. Lembremos que, antes disso, tudo dava na mesma para o homem ridículo. Na noite do encontro, contudo, dúvidas sobre a decisão de cometer o suicídio começam a invadir seus pensamentos e, ainda que, momentaneamente, observa-se uma saída do marasmo que acompanhava uma vida desprovida de sentido. Podemos observar isto a partir do enunciado abaixo.

E8: [...] eu me lembro de ter me perguntado: “Será isso mesmo?”, e de ter respondido com total convicção: “Isso mesmo”. Ou seja, eu me mataria. Eu sabia que certamente me mataria naquela noite, mas, quanto tempo ainda passaria ali sentado à mesa até o momento chegar, isso eu não sabia. E teria certamente me matado, não fosse por aquela menina (Dostoiévski, 2021, p. 40).

Notamos que, apesar de saber que levaria a cabo o plano do suicídio, há uma hesitação que surge pela pergunta *Será isso mesmo?* que, a nosso ver, denuncia o impacto do encontro com a garota. A certeza de uma morte, sem dúvida, teria acontecido, como o próprio personagem confessa ao final do E8, sem o confronto com a menina. Recorremos ao abalo provocado pelo contato com a criança com a finalidade de evidenciarmos o processo de inibição assentado na mesmidade ao contrapô-la com seu inverso, isto é, na ação mobilizada pela afetação do encontro.

Dissemos que uma inibição do tipo melancólica pode ter correspondência com o ato de ceder do próprio desejo; desejo que, conforme Lacan (2008), cobra um preço pelo

seu acesso. Nesse sentido, a anulação do sujeito no mundo evitaria o confronto com as consequências do ato de desejar. No entanto, em um átimo de afetação, o homem ridículo se questiona e, temporariamente, sai do estado de inércia assumido desde o início do conto. Cabe-nos refletir sobre o que poderia ter mobilizado o personagem na cena de que falamos. Para tanto, analisemos o enunciado 9.

E9: [...] enquanto eu olhava para o céu, de repente me agarrou pelo cotovelo essa menina. A rua já estava deserta e não havia quase ninguém. [...] A menina tinha uns oito anos, de lencinho e só de vestidinho, toda encharcada, mas guardei na lembrança especialmente os seus sapatos rotos e encharcados, ainda agora me lembro deles. [...] De repente, ela começou a me puxar pelo cotovelo e a me chamar. Não chorava, mas soltava entre gritos umas palavras que não conseguia pronunciar direito, porque tremia toda com tremedeira miúda de calafrio. Estava em pânico por alguma coisa e berrava desesperada: “Mámachka! mámachka! Voltei o rosto para ela, mas não disse uma palavra e continuei andando, só que ela corria e me puxava, e na sua voz ressoava aquele som que nas crianças muito assustadas significa desespero. Conheço esse som. [...] Mas não fui atrás dela, e, ao contrário, me veio de repente a ideia de enxotá-la. [...] Mas ela de repente juntou as mãozinhas, e, soluçando, sufocando, corria sem parar ao meu lado e não me largava. Foi então que bati o pé e dei um grito (Dostoiévski, 2021, p. 94-95).

O trecho apresenta o encontro entre os dois, marcado por uma súplica da criança, um pedido de ajuda. A garota foi apresentada como vivenciando um estado de pânico que denunciava desespero. O homem ridículo, por sua vez, demonstra indiferença, apesar de reconhecer o tom desesperado de sua voz. Sendo assim, na própria cena, não há afetação por parte do protagonista, isto se dá tempos depois, quando se dirige para casa no intuito de realizar o suicídio. Ao chegar em casa, o sentimento de piedade irá despontar no personagem seguido dos questionamentos de que falamos. O enunciado 10 descreve a mobilização, ou melhor, afetação do homem ridículo pelo encontro realizado.

E10: Agora mesmo eu havia sentido pena: uma criança eu teria certamente ajudado. Então por que não ajudei a menina? Pois foi graças a uma ideia que surgiu então: quando ela estava me puxando e me chamando, de repente apareceu diante de mim, naquele momento, um problema, e eu não pude resolvê-lo. Era um problema fútil, mas eu me enraiveci. Eu me enraiveci graças à conclusão de que, se eu já havia decidido que me suicidaria naquela mesma noite, então, por conseguinte, agora, mais do que nunca, tudo no mundo deveria dar na mesma para mim. Por que é que, de repente, eu senti que não me dava tudo na mesma e que eu tinha pena da menina? (Dostoiévski, 2021, p. 44-45).

É possível perceber a afetação de que falamos e a dúvida pela qual o homem ridículo é tomado, embora ele não abandone a convicção que sustenta a posição melancólica com o desenrolar da história. O que se passa, portanto, é um momento em que há a suspensão da certeza da ideia de que *tudo dava na mesma*. Nesse instante, ele se coloca um porquê que problematiza o sentido e a finalidade das coisas, até mesmo a

do próprio suicídio. A leitura do conto demonstra, a respeito disso, que se trata de um pequeno intervalo, um breve instante de mobilização que, embora reverbere de modo a mudar o destino do protagonista, não o desloca de uma posição melancólica inibida, uma vez que não houve a desistência do suicídio nem uma real mudança de postura concreta; após a dúvida, segue-se o cansaço com uma confusão de pensamentos que o conduz ao adormecimento e ao sonho revelador que trará a mania para o desfecho da história. O que fica evidenciado é o que o mobiliza ou o que o desestabiliza; ora, não foi qualquer encontro, mas o realizado com uma criança desamparada que o convoca, que tenta chamar a sua atenção.

Com isso, retomemos os enunciados 9 e 10 a fim de explorarmos as repercussões do encontro do homem ridículo com a garota “desamparada”, considerando, para isso, os aspectos de melancolia outrora apresentados e discutidos neste trabalho. Dito isto, comecemos por admitir que houve um pedido de ajuda endereçado pela menina ao protagonista e uma espécie de insistência em se fazer notar por ele. O homem ridículo, por sua vez, a percebe e conhece bem que se trata de uma criança em sofrimento pela condição de desamparo, visto que ele mesmo anuncia o reconhecimento atestando que conhecia bem aquele tom característico da voz da menina. Todavia, ele nega a ajuda e se recusa a olhar para criança com a ternura de um adulto que se presta ao cuidado; naquele momento, não há um olhar terno à criança, assim como, segundo Lambotte (1997), não houve olhar enternecido ao sujeito melancólico quando esse se encontrava na tenra infância.

Com efeito, assinalamos como a cena apresenta a ausência de reconhecimento da criança pelo olhar do Outro que se encontra por detrás da estruturação melancólica, mas que é operada por aquele a quem profere no conto o discurso melancolizado. Continuemos nossa análise com a comparação dessa cena com uma outra examinada por Kehl (2020), a fim de melhor compreendermos o ato realizado pelo homem ridículo na passagem que comentamos.

A nosso ver, a cena comentada por nós permite uma alusão à análise da melancolia feita por Kehl (2020) no filme *As horas*. Segundo a autora, quando o protagonista do filme, Carl, está diante de uma amiga maternal, Clarissa, ele se joga da janela, após negar a súplica feita pela amiga. Para a autora, essa ação “reproduz em espelho, de forma invertida, o abandono da mãe que ele próprio não foi capaz de evitar”

(Kehl, 2020, p. 33). É como se o melancólico reproduzisse em cena, com um outro sujeito, seu duplo, ou seja, alguém pelo qual ele consegue ver o que se passou com ele quando ele suplicou pelo olhar terno de seu cuidador primordial. Desse modo, o personagem melancólico se vinga do Outro que também lhe negou seu pedido de legitimação.

Aqui supomos ser possível fazer um paralelo entre a recusa de Carl e a realizada pelo homem ridículo, apesar das particularidades de cada obra. Assim, tal como o protagonista apresentado por Kehl (2020) passa ao ato a fim de recusar o olhar e o pedido que lhe fora endereçado pela amiga, o homem ridículo nega a ajuda solicitada pela criança em desespero; em ambos os casos, pela condição melancólica, supõe-se que as personagens experimentaram a recusa de um outro a quem foi endereçada uma interpelação. Essa negação, conforme Lambotte (1997) é o que conduz o melancólico a um empobrecimento narcísico e, por conseguinte, à impossibilidade de investir no mundo, colocando-os em um estado de mesmidade marcado pela inibição.

Contudo, quando o sujeito melancólico é confrontado com alguém que recorda a vivência ocorrida na tenra infância com o Outro primordial, há a realização de uma ação, tal como sinalizou Kehl (2020), que retira, momentaneamente, o sujeito da inibição, com o intuito de devolver a mensagem invertida do que se passou consigo, como se estivesse a dizer: “Assim como me foi negado o olhar e a ternura quando eu supliquei por eles, também recuso a tua súplica”. A ação de Carl, nesse sentido, é de responder com a própria ação suicida, já a do homem ridículo, é de enxotar a garota. Por que ler isso como uma saída momentânea da inibição no conto que analisamos? Por entender que a menina, pelo impacto que causou, levando-o a questionar a própria ideia suicida, pode lembrar do desamparo vivido pelo protagonista, tirando-o, naquele momento, da mesmidade em que se encontrava. Ademais, a saída da inibição pela tomada de ação se dá quando do encontro com um agente que remete à cena primária da recusa, no intuito de realizar a vingança imaginária, nos termos de Kehl (2020). Assim, apenas quando o homem ridículo se defronta com o mesmo pedido, com a mesma súplica do olhar do outro, sai da inibição.

Também não nos parece alheio que, ao encontrar com a menina, o homem ridículo é interpelado através do significante *Mámatchka*, que foi traduzido por Vadim Nikitin (2011), na edição da Editora 34, como neologismo afetivo de *mamãe*. É após ouvir o apelo que traz o termo *mãe* que o protagonista a enxota, negando a sua súplica, momento em que também reconhece um pedido de socorro, pois algo supostamente teria ocorrido

com a mãe da garota. Por que é a ausência materna que se apresenta no apelo da menina? E por que é que o apelo ao agente materno mobiliza tanto o homem ridículo e o faz reaver, temporariamente, algum tipo de sentido sobre a vida? Não nos parece absurdo inferir a possível especularização entre os personagens e que esse ato tenha sido a causa da afetação e a saída momentânea da inibição pelo protagonista.

Tendo isso em vista, a saída da inércia em que se encontrava o conduz a um estado de agitação e dúvida que o faz hesitar do suicídio. O estado pelo qual foi tomado o fez dormir quando estava diante do revólver apontado para a cabeça, momento decisivo da história, pois é quando ocorre o sonho, cuja repercussão é a ocorrência da virada maníaca. O início do sonho, contudo, nos parece representar não a inibição na qual estava imerso, mas o repouso que tanto almejava: a quietude da morte e a identificação completa ao nada, situação que pode ser observada no enunciado 11.

E11: [...] já estavam me carregando num caixão fechado. E eu sentia o caixão balançando, e refletia sobre isso, e de repente, pela primeira vez, fui surpreendido pela ideia de que tinha morrido, tinha morrido mesmo, sabia disso e não tinha dúvidas, não via nada e não me movia e, entretanto, sentia e refletia. Mas eu logo me conformei com aquilo e, como é costume nos sonhos, aceitei a realidade sem discussão.

[...]

Eu jazia ali, e, estranhamente, não esperava por nada, aceitando, sem discussão, que um morto não tem o que esperar (Dostoiévski, 2021, p. 63-65).

Há nessa passagem uma descrição da aceitação de bom grado do personagem em seu estado de morto. Não há o desespero de ter morrido no sonho, mas o alcance da ausência de expectativa, não esperando mais por nada. Poderíamos arriscar dizer que, a partir desse trecho, Dostoiévski (2021) sintetiza a experiência da morte em vida que experienciamos o melancólico? Um morto não tem o que esperar – nada parece melhor definir a experiência de ceder do desejo que faz um melancólico na sua aceitação do nada que permeia a mesmidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de Dostoiévski, como em tantos outros textos desse autor, fornece vasto material para diversas elaborações sobre a natureza humana no campo da psicanálise. No caso de *O sonho do homem ridículo*, podemos ver ilustradas várias nuances da melancolia, aqui tomada, mais especificamente, a partir da inibição e do sentimento de mesmidade. Essas manifestam-se no conto por meio de falas do personagem principal que expressam a ideia de estagnação e a percepção de que o mundo é vazio e pobre de

sentido, o que aponta para um empobrecimento libidinal que faz com que o homem ridículo se sinta identificado com o *nada*, porque para ele é este o significante que condensa o seu entendimento sobre o mundo.

A identificação com o nada indica ainda um rebaixamento da instância egoica que faz barreira a qualquer possibilidade de fruição por meio de relações objetais, dada a certeza de que o estabelecimento destas está previamente condenado ao fracasso. Essa antecipação paralisa o personagem, fazendo-o considerar que não há razão para o investimento libidinal no mundo, marcando a experiência do homem ridículo pela retração diante da vida e encetando a ideia suicida que vai ganhando forma no conto.

Tanto a inibição quanto o sentimento de mesmidade aludem, assim, à certeza do vazio sentida pelo melancólico que, em termos lacanianos, cede do seu desejo em função de uma verdade só sua que o diferencia das demais pessoas. A cessão da posição desejante e os processos de demissão subjetiva correlacionam-se, ainda, com a sensação de insuportabilidade em reatualizar a falta de olhar do Outro, o que justificaria a satisfação em ocupar uma posição masoquista e a atitude fatalista diante da existência.

A despeito da profundidade do sentimento de vazio, imobilismo e mesmidade que marcam o personagem como um sujeito melancólico e que tem seu parâmetro de expectativa equiparado ao de um morto, que nada pode esperar, é provável que Dostoiévski, tal como em outras obras tenha apontado para a natureza redentora das relações humanas. Não à toa, é no encontro com uma criança que, em tese, o homem ridículo pôde não só reviver a condição primária do seu estado melancólico, mas também revisar a decisão de morrer e de, novamente, sentir-se afetado pelas pessoas, pelo mundo e pela vida.

Sobre o artigo:

Recebido: 21 de outubro de 2025

Revisado: 27 de novembro de 2025

Aceito: 15 de dezembro de 2025

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Karl. **Teoria psicanalítica da libido**: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O sonho de um homem ridículo**. Tradução: Lucas Simone. Rio de Janeiro: Autofágica, 2021.

FERREIRA, Maria de Fátima. **A dor moral da melancolia**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2014.

FREUD, Sigmund. Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 256-286. (v.12).

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, Sigmund. (1926- 1929) Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos. FREUD, S. **Obras completas**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (v.16).

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose e perversão**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 99-122.

FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In: FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 p. 13-122. (v.8).

FREUD, Sigmund. **O infamiliar**. Tradução: Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. In: FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b, p. 53-68.

FREUD, Sigmund. Personagens psicopáticos no palco. In: FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a, p. 45-52.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. (1920- 1923) Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. In: FREUD, S. **Obras completas**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (v.15).

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise.** Versão Brasileira: Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAMBOTTE, Marie-Claude. A face melancólica do masoquismo. In: PINHEIRO, Teresa (Org.) **Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

LAMBOTTE, Marie-Claude. **O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia.** Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

PASSOS, Cleusa Rios P. **As armadilhas do saber.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.